



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9119 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

O flunar ubíquo como dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura

Yasmin Viana Ribeiro de Almeida - UERJ/FEBF - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rosemary dos Santos - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **O flunar ubíquo como dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura**

**Resumo:** O presente estudo é fruto da pesquisa de mestrado cujo título é “O flunar ubíquo e as criações cotidianas de professores do curso de pedagogia da FEBF”. O campo da pesquisa foi à disciplina “A Escola como Espaço Político Pedagógico III (EPPP III)”, no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ) em 2019. Tem como base epistemológica e metodológica a ciberpesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos (SANTOS, 2005). Nele foi forjado o dispositivo do flunar ubíquo desenvolvido a partir das experiências e significações na relação cidadeciberspaço. Desta forma, o presente estudo busca refletir sobre o flunar ubíquo e tentar compreender o que emergiu das experiências formativas. Como achados da pesquisa, compreendemos que flunar ubiquamente, observando a cidade em contexto, percebendo subjetividades e cotidianidades, em integração com o ciberespaço, faz com que resinifiquemos os lugares e expressões de si, criando novas realidades e aprendizagens.

**Palavras-chave:** Flunar. Flunar Ubíquo. Cibercultura. Ciberpesquisa-formação. Ubiquidade

### **Das considerações iniciais do caminhar da pesquisa**

O presente estudo é fruto da pesquisa de mestrado cujo título é “O flunar ubíquo e as criações cotidianas de professores do curso de pedagogia da FEBF”, realizada em 2019. Buscou compreender o flunar na cidade da cibercultura e se este pode proporcionar experiências que contribuam para o processo formativo dos alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ).

O campo da pesquisa foi a disciplina “A Escola como Espaço Político Pedagógico III (EPPP III)”, no referido curso, que aborda sobre currículo e teve duração de seis meses. Nele acionamos o dispositivo do flunar ubíquo em cocriação, compreendendo as subjetividades, narrativas e sentimentos durante o processo de pesquisa-formação. Este trabalho, então, busca refletir sobre o flunar ubíquo e tentar compreender o que emergiu das experiências formativas.

### **Os movimentos da pesquisa e o caminho metodológico da ciberpesquisa-formação**

O *fazerpensar* [1] desta pesquisa foi desenvolvido a partir da base epistemológica e metodológica da ciberpesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos (SANTOS, 2005). Através dessa metodologia formamos e nos formamos enquanto pesquisadores e docentes em um contexto cibercultural, interagindo, compartilhando através da mediação dos dispositivos e escuta sensível (BARBIER, 2007).

Neste *fazerpensar* forjamos o dispositivo do flandar ubíquo. Ao entendermos a cidade enquanto espaço de saberes, multirreferencial, integrado ao *ciberespaço*, o dispositivo se apropria da ubiquidade do contexto social contemporâneo (SANTAELLA, 2004). Desta forma, buscamos proporcionar experiências formativas plurais e novos processos de *aprendizagemensino*.

Buscamos, ao criá-los, não apenas aplicar uma técnica, mas sim pesquisar em formação, relação e comunicação. Para isso flandamos ubiquamente, com a turma de pedagogia da FEBF, o centro do Rio de Janeiro abertos ao inesperado e em conexão. Utilizamos o celular com seus aplicativos em rede, como Facebook, WhatsApp, BikeRio, Grin e Google Lens, em todos os momentos, seja para conversarmos sobre pontos trazidos em aula ou para pesquisarmos, tirar fotos, e fazer qualquer ação interativa.

### **O flandar ubíquo como dispositivo educacional na relação *cidadeciberespaço***

*"Flandar, Edilson, você sabe o que é flandar? Flâneur é um conceito de andar pela cidade no simples objetivo de observar as coisas sem objetivo. Tudo que você passa, reflete. É diferente do ócio criativo porque não está se observando no objetivo de ter um insight. No flandar não tem isso. Só está caminhando sem o objetivo de "pagar aquela conta". Observar a cidade na sua perspectiva. E o ciberflandar é quando faz isso na internet. Está observando a internet. Está passando o Feed". Isabela - Aluna.*

A narrativa exposta ocorreu durante uma conversa com a praticante da pesquisa Isabella, onde seu amigo, que estava próximo ouvindo, perguntou: “afinal o que é o flandar? ”. Ela, de forma simples, explicou os dois conceitos importantes que enredaram o flandar ubíquo. Fizemos uso deles durante o construir o dispositivo e, a partir da narrativa, compreendemos que houve a incorporação dos mesmos. Como expressões que denotam o andar ocioso, ambos os conceitos (flandar e ciberflandar) são exemplos da mudança nas formas de percorrer os espaços a partir da inserção de um novo cotidiano.

O Flandar, ou Flâneur, surge na França do século XIX com a obra literária de Baudelaire demarcando a criação de uma cidade moderna a partir da descrição de novos hábitos e costumes urbanos decorrentes da industrialização que crescia (BENJAMIN, 1997). Para Pontual e Leite (2006, p. 100) é a “figura literária que percorria livremente o espaço das cidades e vive uma nova experiência urbana associada as transformações do espaço”. Com isso, falar do Flâneur é falar sobre a sociedade se modificando a partir das tecnologias.

Concordando que as tecnologias modificam a forma de ser e existir no espaço urbano, o flandar se modifica a partir da segunda metade do século XX. A revolução técnico-científica informacional muda novamente as formas de consumo, tecnologias e, conseqüentemente, o espaço urbano.

Essas tecnologias emergem construindo uma relação não dissociativa entre cidade e tecnologia, cidade e ciberespaço. O ciberespaço, termo cunhado por (Lévy, 2001, p.92), se configura como um espaço aberto de comunicação mundial e se torna “uma continuidade do espaço, uma forma de produzir o espaço e de a sociedade contemporânea se organizar” onde as tecnologias e a *internet* não mais servem como ambiente de armazenamento de dados (COSTA, 2009).

Neste sentido, Lemos (2001) compreende como *ciberflandar* o movimento de observação do cotidiano no ciberespaço. É interação e observação através das curtidas, compartilhamentos etc., onde criamos narrativas, subjetividades, territorialidades nesses espaços virtuais. Complementando, Santos (2020) afirma que hoje caminhamos ubiquamente

e entendemos “por caminhar ubíquo o ato de caminhar por territórios físicos em conexão com o ciberespaço, produzindo, registrando e significando dados de pesquisa-formação na cibercultura”. (SANTOS, 2020, p.19)

Essa relação de *cidadeciberespaço* é trazida a partir da pesquisa de Rocha (2010), que inspirou este trabalho, onde caminham com os estudantes pela cidade do Rio de Janeiro narrando e partilhando experiências diversas no ciberespaço. Dentre os saberes possíveis criados nesse caminhar, destacamos a possibilidade de aprender com o entorno e acionar redes de saberes em contexto fazendo emergir novas formas de apropriação no contexto educativo (SANTOS, 2020).

Através da compreensão de que se caminha ubiquamente e que a forma de flunar se modificou com as tecnologias do século XXI, elaboramos o dispositivo do flunar ubíquo. Compreendemos que este novo flunar observa o cotidiano e as maneiras de viver na interação cidade-ciberespaço. Propomos, assim, a experiência do flunar ubíquo pelo Centro do Rio de Janeiro com a turma de pedagogia da FEBF. Nela observamos que, ao nos abirmos para a observação inesperada, *ouvindopensandosentindo* o mundo, novas significações da cidade emergem.

Desde o ponto de encontro, na Central do Brasil, a implicação trazida pelo flunar ubíquo se mostrou presente nos praticantes. Nos abrindo ao inédito, questionamos sobre os painéis, estátuas, arquiteturas, corpos circulantes, histórias, geografias, etc. Cada dúvida ou curiosidade era sanada pelos Smartphones. Além disso, a ubiquidade se tornou ainda mais palpável na utilização dos aplicativos de bicicletas e patinete elétricos onde a mobilidade física foi possível pela informacional.

Esse olhar atento, curioso e aberto ao inesperado proporcionou também a intervenção de um ambulante em frente ao colégio Pedro II para nos explicar sobre as mudanças que ocorreram naquele espaço devido à revitalização do Porto e VLT. Para nós foi uma demonstração da sabedoria construída na observação cotidiana mostrando como estar aberto ao inesperado pode gerar movimentos educativos com o outro de forma singular.

Assim, o Flunar ubíquo é mais que caminhar, é um caminhar observando, reconhecendo o percurso, experimentando-o, ressignificando. O flnador, ou Flâneur, ubíquo, portanto, percorre todos os *espaçostempos* que lhe é possível nessa interação da cidade com o ciberespaço. Com isso, flnamos ubiquamente através dos *hiperlinks* da cidade utilizando a interface do celular e, com isso, experimentamos lugares cotidianos, ou não, trazendo novas significados e percepções.

A partir da opção epistemológica do trabalho, também podemos relacionar o flnador com a multirreferencialidade de Ardoino (1998), pois não hierarquizamos os saberes do espaço. Ao flnar ubiquamente observamos a rua, as pessoas, as relações e as ações que percorrem aquele espaço em conexão adentrando os *hiperlinks*, artigos acadêmicos, memes e redes sociais para continuar observando a sociedade. O flnador, portanto, é multirreferencial em essência.

Compreendemos, que trazer essa experiência como dispositivo de ciberpesquisa-formação nos possibilitou desenvolver um olhar ativo para a cidade e novas interpretações sobre seu cotidiano. Não apenas observamos, mas interagimos, criamos, cocriamos. Enfim, fizemos um movimento de imersão na cidade para além da observação. Isto remete à fala de Isabela, praticante da pesquisa. Para ela:

*E depois da experiência do campo, de entender o flnar, você vê os movimentos de forma diferente, você vê as mobilidades. Nota que a cidade*

*se comporta de forma diferente quando tempo um show. Quando a cidade muda, vira outra, dependendo do que acontece. Hoje é sexta e a cidade está em ritmo de festa. Hoje estava engarrafado, o fluxo estava diferente. E eu não observaria isso sem ser pelo campo. Isabela - Aluna*

Inclusive, o dispositivo incitou tamanha implicação que a aluna levou a prática para dentro de sua sala de aula e relatou em uma conversa:

*Trouxe o conceito de flunar na sala. De observar a cidade. Estava trabalhando o conceito de arte de rua e trouxe imagens. As crianças logo comentaram "Tia, tem perto da minha casa".*

*Trouxe a diferença de pichação e arte com o grafite e falei para olharem tudo indo para casa. As ruas, os muros. "Mas vou de carro", então olha da janela. Vê por onde está passando. Vê a calçada, se é asfaltada. E eles fizeram, gostaram e costumam fazer e me falar agora, me mostram o que trazem da observação. Isabela - Aluna*

Dessa forma, abordar sobre o processo de flunar ubíquo durante a disciplina como dispositivo foi interessante para discutir a importância de percorrer e pertencer aos espaços. Dialogamos sobre os usos da cidade e a importância da observação e imersão para a compreensão do cotidiano e na formação de formadores. A própria Isabela narra sobre a importância da base teórica para sua prática educativa. Para ela:

*E eu acredito que o flunar ubíquo poderia virar uma prática pedagógica, de diversos aspectos. Eu sempre quis trazer para dentro de sala de aula, mas nunca tinha conseguido. Isabela - Aluna*

Em diálogo com o conceito de flunar e de *ciberflunar*, o flunar ubíquo, portanto, ajuda a construir, dentro do processo formativo, a ideia de que podemos, no ato de flunar na cidade ou no *ciberespaço*, cooptar informações sobre o cotidiano para além do óbvio e fazer movimentos de resistência e aprendizagens. A partir do flunar ubíquo abrimo-nos para a interação da cidade em conexão a partir dos *hiperlinks* e produzimos sentimentos, prazeres, saberes e ações de articulação e imersão nos *espaçostempos* criando e recriando o espaço urbano e a própria formação.

### **Seguir a caminhar, observar e flunar ubiquamente: uma possibilidade que se abre na forma de ver e sentir o espaço urbano no contexto educativo**

Com a perspectiva do flunar ubíquo nos foi experimentado que observar a cidade em seu contexto, percebendo suas subjetividades e cotidianidades faz com que resinifiquemos os lugares e expressões de si, criando novas realidades e aprendizagens. Esse movimento foi possível devido à riqueza trazida pela ciberpesquisa-formação que nos proporciona um olhar singular para desenvolver um ambiente formativo fecundo, dinâmico e agregador.

Com isso, esse trabalho demonstra a potência do flunar ubíquo, do prestar atenção no cotidiano da cidade e do que dela emerge em conexão com o ciberespaço. Com ele criamos novas formas de ver e sentir o espaço, novos sentimentos, registros, imagens e cores. Além disso, foi também um movimento de expansão cultural e de reflexão sobre o cotidiano e espaços que nos circulam, de repensarmos os territórios e tensionarmos o que não era assimilado por ser comum. Refletimos sobre o que nos atravessa cotidianamente, mas que não nos é percebido. Assim, concordamos com Isabella e acreditamos no flunar ubíquo como um dispositivo não esgotado com distintas possibilidades, e, mais ainda, que este estudo possa servir de inspiração para formações futuras na relação *cidadeciberespaço*.

## Referências

- ALVES, N. (org.) *Criar currículo no cotidiano*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. (org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.
- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire**: um lírico na época do capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1997.
- COSTA, A. S. V. Reflexões sobre as novas configurações espaciais: a emergência do ciberespaço e suas implicações sobre o espaço urbano. BOCC. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, v. 1, p. 1-9, 2009.
- LEMONS, A. Ciber-Flânerie. **Comunicação na Cibercultura** ed. São Leopoldo : Editora Unisinos, 2001. Disponível em: [encurtador.com.br/epv23](http://encurtador.com.br/epv23). Acesso:10 maio 2021.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- PONTUAL, V.; LEITE, J. Da cidade real à cidade digital: a flânerie como uma experiência espacial na metrópole do século XIX e no ciberespaço do século XXI. **Revista FAMECOS**, v. 13, n. 30, p. 99-105, 14 abr. 2008.
- ROCHA, A. A.W.N. **Educação e Cibercultura**: narrativas de mobilidade ubíqua. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. 2012.
- SANTAELLA, L. **Navegar no Ciberespaço**. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTOS, E. Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente. Repositório institucional UFBA. 2005. Disponível em: [encurtador.com.br/ciRSU](http://encurtador.com.br/ciRSU). Acesso em: 04 ago.2020.
- SANTOS, E. RANGEL, L. **O caminhar na educação**[recurso eletrônico]: narrativas de aprendizagens, pesquisa e formação. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020 Disponível em: [encurtador.com.br/dY136](http://encurtador.com.br/dY136). Acesso em: 25 fev.2021.

---

[1] Adotamos o uso dos termos juntos e em itálico nos inspirando nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos de Alves (2004) que tentam evitar a dicotomização criada pela ciência moderna para analisar a sociedade.